



NARRATIVAS DE MINI-HISTÓRIAS: Transformando Registros em Reflexões para Aprimorar a Prática Pedagógica

Catiane Resinato Ribeiro¹

RESUMO

O artigo "Narrativa de Mini-histórias: Transformando Registros em Reflexões para Aprimorar a Prática Pedagógica" destaca a relevância da Educação Infantil no desenvolvimento das crianças, compartilhando algumas narrativas do cotidiano do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dalva Paggi Claus, durante o ano letivo de 2023. O principal objetivo foi demonstrar a importância do Registro como ferramenta de reflexão da prática pedagógica, utilizando mini-histórias para documentar e refletir sobre essas experiências e a importância da Educação Infantil no desenvolvimento saudável de cada indivíduo.

INTRODUÇÃO

O período da primeira infância é crucial para o desenvolvimento humano, visto que as experiências vivenciadas deixam um impacto profundo e duradouro. A Educação Infantil desempenha um papel vital na promoção desse desenvolvimento desde os primeiros anos de vida.

Ao considerar tais pressupostos, este artigo apresenta narrativas provenientes do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dalva Paggi Claus, compiladas durante o ano letivo de 2023, as quais visam destacar a importância da Educação Infantil no desenvolvimento saudável desde a primeira infância, além de salientar o registro como uma ferramenta essencial para aprimorar a prática pedagógica. Utilizando mini-histórias como forma de documentar e refletir sobre as experiências cotidianas das crianças no CMEI, este trabalho buscou não apenas descrever as vivências, mas refletir sobre o papel da Educação Infantil na promoção de um desenvolvimento pleno e saudável.

¹ Professora da rede municipal de Educação de Francisco Beltrão, graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pós graduada em Gestão Escolar pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pós graduada em Reggio Emilia pela Unina, atualmente coordenadora pedagógica do CMEI Dalva Paggi Claus.



Inspirado na pedagogia de Reggio Emilia, o interesse por esta temática surgiu das reflexões e inquietações compartilhadas pelo grupo de professores do CMEI, que buscam constantemente aprimorar suas práticas pedagógicas através de iniciativas como o Registro Pedagógico, que inclui a redação de diários de bordo e a produção de vídeos e fotografias, bem como a organização de mini-histórias para comunicar práticas pedagógicas transformadoras na Educação Infantil.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Inspirados nas práticas realizadas no CMEI Dalva Paggi Claus e a partir do reconhecimento dessa proposta de registro e escuta atenta, os profissionais podem encontrar inspiração e adotar uma nova perspectiva de ação, desenvolvendo um olhar mais sensível para a construção do cotidiano nas escolas de Educação Infantil.

A introdução das mini-histórias no CMEI teve sua origem na leitura e reflexão coletiva do livro "As Cem Linguagens em Mini-Histórias", de Loris Malaguzzi (2021). Nesta obra, Malaguzzi traz o conceito de registrar a prática pedagógica por meio de mini-histórias narrativas, as quais constituem uma forma de produzir conhecimento sobre bebês e crianças bem pequenas, construindo uma imagem da criança como protagonista ativa, curiosa e ávida por investigar e explorar o mundo de maneira potencializadora. Essas mini-histórias, ao destacarem as múltiplas linguagens e expressões das crianças, oferecem um vislumbre das experiências ricas e complexas vivenciadas por elas no ambiente escolar, proporcionando aos profissionais uma nova ferramenta para compreender e valorizar o desenvolvimento infantil na Educação Infantil.

Em meio a elas, também nascem interrogações aos adultos que acompanham a criança – os professores, auxiliares e a mim mesmo, como pesquisador. Dessa forma, a partir da imagem de bebê, constrói-se uma imagem de professor para os bebês, provocada pela emergência da observação, do registro, e da reflexão sobre o que elas fazem. (FOCHI, 2015, p. 95).

Para a elaboração de uma mini-história, é crucial que o professor cultive um olhar sensível e atento ao cotidiano da Educação Infantil, reconhecendo e



promovendo o protagonismo infantil e a potencialização das cem linguagens das crianças. Isso implica estar receptivo às múltiplas formas de expressão e comunicação utilizadas por elas, desde gestos e brincadeiras até o uso de materiais diversos. Além disso, é fundamental que o professor esteja aberto a capturar os momentos significativos e os pequenos detalhes que permeiam o dia a dia na escola, valorizando as experiências únicas de cada criança e criando narrativas que reflitam a riqueza e a complexidade de suas vivências naquele ambiente educacional.

A ideia das mini-histórias está ligada à revisitação dos observáveis produzidos pelos professores no cotidiano da Educação Infantil. A partir de uma breve narrativa imagética e textual, o adulto interpreta esses observáveis de modo a tornar visível as rapsódias da vida cotidiana. Essas rapsódias são fragmentos poéticos, portanto sempre episódicos que, quando escolhidos para serem interpretados e compartilhados, ganham valor educativo. (FOCHI, 2017, p. 98).

No CMEI Dalva Paggi Claus, encaramos as mini-histórias como registros narrativos de momentos do cotidiano que, ao serem transpostos para o texto, ganham uma dimensão especial pelo filtro do olhar adulto que os percebe, interpreta e atribui valor à sua construção como parte da memória coletiva. Embora haja um esforço significativo na Educação Infantil nos CMEIs de Francisco Beltrão, muitas vezes esses trabalhos não recebem a devida visibilidade e são negligenciados tanto pelas famílias das crianças quanto pela própria comunidade escolar, refletindo uma mentalidade ainda assistencialista que prioriza apenas o cuidado das crianças para permitir que suas mães de pais possam se dedicar ao trabalho remunerado. O reconhecimento e a valorização dos profissionais da Educação Infantil só serão alcançados quando estes tiverem clareza sobre a importância de seu papel, ao estudar e se apropriar cada vez mais da cultura da infância, assumindo-se como educadores fundamentais na primeira fase da vida humana.



ALGUMAS MINI-HISTÓRIAS DO ANO LETIVO 2023 NO CMEI DALVA PAGGI CLAUS

Apresentamos a seguir mini-histórias, desenvolvidas no CMEI Dalva Paggi Claus no ano de 2023 nas diversas turmas de crianças, com o objetivo principal de promover seu desenvolvimento integral.

1 – Ui que “pio”! A partir das manhãs frescas de inverno, na aconchegante sala do maternal I- D, no Centro Municipal de Educação Infantil Dalva Paggi Claus, as crianças do grupo estavam receosas com a chegada da estação mais fria do ano. Com os primeiros ventos anunciando a mudança de clima, uma oportunidade especial surgiu para as professoras explorarem o tema com seus pequenos, já que, muitas das crianças do grupo mostravam-se resistentes às roupas e calçados mais pesados para a estação. A partir desse olhar atento, surgiu o projeto intitulado "Que frio": em uma das propostas, às crianças foram orientadas quanto a importância de estarem com calçados e casacos quentinhos nas temperaturas mais baixas, dando início a uma aventura sensorial e educativa. Porém, Benícios, de 1 ano e 11 meses, levou ao "pé da letra". Na hora do soninho os pequenos tiraram os calçados para o descanso, mas Benício começou a se recusar a tirar. Ele olhava para os pés e falava “ui que pio (frio)” e balançava a cabeça que não podia tirar o calçado. Isso se prolongou na sua residência; na semana em que realizamos a proposta a mãe dele nos relatou que na hora de dar banho ou trocar as vestimentas, ele não queria de jeito nenhum e repetia várias vezes “ui que pio” (frio), resistindo para tirar o calçado e muitas vezes até chorando (Informações disponibilizadas pelas professoras Bruna Fernanda do Nascimento e Juliane Copercini).

2 – Brincar livre na sala de referência: Numa das tardes de vivências na turma do maternal ID, o pequeno Matheus, com seus 1 ano e 11 meses, acompanhado de suas amigas Ágatha, de 1 ano e 4 meses, e Clara, com seus 1 ano e 6 meses, estava no portãozinho da sala referência observando com curiosidade a movimentação animada da turma do Maternal III no parquinho à frente. Enquanto observavam as brincadeiras animadas, os três começaram a conversar entre si, emitindo algumas palavras e balbucios que as professoras, atentas à cena, não



conseguiram compreender totalmente. De repente, Matheus, com seu chinelo, bateu um pé no chão, produzindo um som alto que fez todos começarem a rir. Não demorou para Clara, com seus tênis, imitar o gesto, gerando outro som divertido que os fez gargalhar ainda mais. Enquanto isso, Arthur M., de 1 ano e 4 meses, ao passar, parou para observar os colegas. Ágatha, também com tênis, deu um passo à frente e bateu os dois pés no chão, emitindo um som ainda mais alto, arrancando risos de todos. Arthur Mattos, que estava apenas de meia, tentou imitar o gesto, produzindo um som mais fraco, mas o riso persistiu entre o grupo. Depois de mais algumas conversas entre eles, se dispersaram para o centro da sala, onde os demais colegas brincavam com os aramados (Informações disponibilizadas pelas professoras Ana Cláudia Kaiber, Jhennifer Dallagnol e Heloísa Lucidonio).

3 – Exploração materiais não estruturados: numa manhã de vivências lúdicas no grupo de crianças do maternal I D, as crianças foram convidadas a explorar uma barrica repleta de objetos diversos, cada uma livre para escolher o que mais lhe despertasse interesse. Matheus, com seus 2 anos e 2 meses, e Augusto, da mesma idade, optaram por alguns palitos de picolé, dando início a uma fascinante jornada de exploração. Matheus, curioso, pegou um palito e, sem hesitar, o colocou na própria boca, enquanto Augusto observava atentamente. Após algumas repetições desse gesto, Matheus virou-se para Augusto e, com gestos delicados, indicou-lhe que deveria abrir bem a boca. Demonstrando com maestria, ele posicionou o palito na língua de Augusto, simulando um exame minucioso da garganta de seu amigo. Augusto, por sua vez, imitou a mesma ação na boca de Matheus, dando início a uma divertida brincadeira de faz de conta. Por um bom tempo, os dois amigos se divertiram realizando imitações de consultas médicas, na qual o palito de picolé assumia o papel de instrumento de exame utilizado pelo médico para verificar a garganta das crianças (Informações disponibilizadas pelas **professoras** Ana Cláudia kaiber, Jhennifer Dallagnol e Heloísa Lucidonio).

4 – Cesto dos tesouros: Em um dia de vivências exploratórias no berçário A no CMEI Dalva Paggi Claus, os bebês estavam envolvidos em uma fascinante exploração do Cesto dos Tesouros. Entre os objetos oferecidos, destacavam-se



pedaços de cano corrugado, cada um com cerca de 10 cm de comprimento. Num momento de descoberta, Heitor, com seus 10 meses de idade, pegou um desses pedaços e, com curiosidade, o levou à boca, emitindo um som intrigante. Repetiu essa exploração várias vezes, retirando o cano, olhando dentro e emitindo o som. Observando atentamente seu amigo, Emanuely, com seus 11 meses, tentou imitá-lo, mas sem sucesso em produzir qualquer som. Decidida a desvendar o mistério, ela colocou seu próprio pedaço de cano na boca de Heitor, ficando surpresa ao vê-lo emitir um som alto. Intrigada, ela tentou com seu próprio cano, mas continuou em silêncio. Determinada, Emanuely pegou o cano de Heitor, na esperança de que talvez aquele tivesse o segredo do som. No entanto, seus esforços foram em vão, deixando-a com uma expressão de desapontamento. Contudo, ela persistiu, experimentando todos os pedaços de cano, tentando emitir o som com cada um deles. Após muita insistência e tentativas, Emanuely fez uma descoberta emocionante: ao soprar o ar pelo cano, conseguia emitir o som desejado. Essa experiência despertou na pequena uma série de sentimentos e habilidades, como curiosidade, tentativa, erro, persistência, observação, imaginação e criatividade (informações disponibilizadas pelas professoras Ana Cláudia Kaiber, Jhennifer Dallagnol e Heloísa Lucidonio).

5 – Exploração com brinquedos heurísticos: Nessa vivência ocorrida no grupo de crianças do maternal II E, as crianças mostravam-se atentas e curiosas ao observarem as funcionárias realizarem a limpeza do ambiente. Percebendo o interesse dos pequenos, as professoras decidiram oferecer-lhes esponjas, panos e borrifadores, convidando-os a explorarem e ajudarem na limpeza das paredes e dos vidros da sala de referência. No entanto, o uso do borrifador revelou-se um desafio, já que era um objeto novo que exigia certa técnica para apertar o gatilho e espirrar água. Para iniciar a brincadeira, as professoras demonstraram como usar o borrifador e passar as esponjas. Durante a exploração, chamou a atenção o esforço de Isabel, com seus 2 anos e 1 mês, ao tentar espirrar a água do borrifador sem sucesso, devido à falta de força para acionar o gatilho. Enquanto isso, Enzo, com seus 2 anos e 6 meses, mostrou-se habilidoso, espirrando água e passando a esponja com destreza. Observando-o atentamente, Isabel pediu para trocar os objetos, na esperança de



obter sucesso, mas, mesmo com os materiais de Enzo, não conseguiu. Após um momento de frustração, ela voltou-se para Enzo, que continuava a brincar, e pediu para trocar novamente. Com determinação, Isabel tentou imitar exatamente o que viu o amigo fazer, mas seus dedinhos ainda não eram fortes o suficiente para puxar o gatilho. Persistindo nas tentativas e observando atentamente Enzo, ela finalmente conseguiu apertar o gatilho com as duas mãos, espirrando um pouco de água na parede e passando sua esponja com orgulho e satisfação. Essa experiência não apenas proporcionou momentos de diversão, mas também despertou habilidades como observação, tentativa, erro, persistência e cooperação entre os pequenos. (Informações disponibilizadas pelas professoras Ana Cláudia Kaiber, Jhennifer Dallagnol e Heloísa Lucidonio).

6 – Um mordedor diferente: Em uma quarta-feira tranquila, no grupo de bebês, durante um momento de exploração e brincadeiras, Davi, com seus dez meses de idade, pegou o tênis caído no chão de seu colega Igor seis meses, e levou-o à boca no intuito de morder. A professora, que estava ao lado dele, prontamente pegou o tênis e o colocou embaixo de uma almofada. Observando atentamente a ação da professora, Davi logo retirou a almofada e novamente levou o tênis à boca. A professora repetiu a ação por mais duas vezes, até que, na terceira vez, resolveu sentar-se em cima da almofada, para ver a reação de Davi. Foi então que ele, percebendo que não poderia mais alcançar o tênis, direcionou sua atenção para o outro pé de Igor e tentou mordê-lo. Na sala de berçário, cada momento é repleto de descobertas significativas, cabendo ao professor observar atentamente e dar a devida importância a cada uma delas. (Informações disponibilizadas pelas professoras Maria Valdinei Da Silva e Franciane Schmoller).

7 – Negociação no Mercadinho: A turma do maternal III-H embarcou em uma jornada de imaginação e aprendizado com o projeto “Faz de conta”. Uma das experiências foi criar um mini mercadinho usando materiais recicláveis e frutas de plástico. No início, distribuimos dinheiro de papel com notas de diferentes valores (como 5, 10, 20, 50, 100 e 200 reais), para que as crianças pudessem trocá-las por produtos do mercado. Heitor, com seus 2 anos e 2 meses, questionou as professoras



ao receber o dinheiro para brincar, dizendo que "esse dinheiro é falso", demonstrando sua capacidade de distinguir entre dinheiro real e o dinheiro de brinquedo. A vivência ganhou vida no solário, com prateleiras, mesas, carrinho de supermercado, cestinhas, folhetos de compra e uma caixa registradora. No início, as crianças preferiram brincar com comida industrializada, deixando as frutas de lado. Observamos também, momentos em que elas produziram situações da vida adulta ao trocar dinheiro por comida. Laura, com seus 3 anos e 11 meses, afirmou que só pagaria "em pix", mostrando suas experiências do dia a dia. Foi um momento de diversão para os pequenos, vivenciando o brincar simbólico e o faz de conta e reproduzindo situações do cotidiano (Informações disponibilizadas pelas Professoras Ana Paula Borges, Izabel e Fabiane dos Santos).

8 – Heitor e seu amigo milho: No dia 07 de julho de 2023, o CMEI Dalva Paggi Claus foi palco da animada "Festa na Roça". As crianças do maternal III H apresentaram a música "Sanfoneiro só tocava isso", de Tonico e Tinoco, para todas as turmas da instituição. Naquela tarde, os pequenos tiveram a oportunidade de saborear algumas comidas típicas. Após a degustação, professoras e crianças dançaram músicas tradicionais e caipiras no saguão do CMEI. De volta à sala referência, notamos que Heitor, de 3 anos e 5 meses, estava ausente. A professora foi procurá-lo e o encontrou no refeitório, sentado à mesa, conversando atentamente com uma espiga de milho da decoração. Ele dizia que o milho era "seu novo amigo". Ele levou a espiga de milho para a sala e passou o resto da tarde brincando e conversando com ela, como se a espiga pudesse entendê-lo. (Informações disponibilizadas pelas professoras Ana Paula Borges, Izabel e Fabiane dos Santos)

9 – A Tarde dos pequenos bombeiros: Numa tarde de quarta-feira, as crianças do maternal III foram ao Ateliê Criativo, onde brincaram com materiais desconstruídos organizados sobre um tapete, cada criança criando seu próprio espaço e inventando sua própria diversão. Tudo estava tranquilo até que escutamos alguns gritos. Ao observar, percebemos que seis meninos estavam brincando de bombeiros. Na imaginação deles, a parede do ateliê estava pegando fogo. Usando cones vazios de linha como mangueiras, eles estavam apagando o incêndio com



grande entusiasmo. As outras crianças pararam para assistir à movimentação, enquanto os meninos continuavam a apagar o fogo, gritando por socorro e ajuda. Depois de algum tempo de brincadeira e imaginação, cada um foi brincar com algo diferente em outros cantos da sala (Informações disponibilizadas pelas professora Andressa Cadore e Dayane Fernandes).

10 - Gelatina e brinquedos: Em um dia de experiência sensorial, oferecemos às crianças uma grande bacia cheia de gelatina com pequenos brinquedos escondidos. Inicialmente, elas olharam para a gelatina brilhante com um misto de curiosidade e receio. “Hoje vamos explorar uma atividade sensorial especial,” explicou a professora. Mas, apesar de suas palavras encorajadoras, ninguém se atrevia a tocar na gelatina. Depois de alguns momentos de silêncio hesitante, João, uma das crianças mais curiosas, decidiu dar o primeiro passo. Ele afundou os dedos na gelatina, sentindo a textura macia e fria. Com um gesto rápido, ele levou um pouco de gelatina à boca e sorriu ao reconhecer o sabor familiar. Ao verem a reação do colega, as outras crianças se animaram à exploração. Uma a uma, começaram a mergulhar as mãos na gelatina, rindo e demonstrando contentamento enquanto encontravam os brinquedos escondidos. O receio inicial desapareceu, dando lugar a uma vivência prazerosa e saborosa, cheia de curiosidade e novas sensações. A sala se encheu de risos e descobertas. As professoras Ana e Liziane observavam com um sorriso, satisfeitas verem suas crianças explorando e se expressando de maneiras tão únicas. Aquela experiência sensorial se tornou um momento inesquecível, mostrando a todos que experimentar algo novo pode ser divertido e enriquecedor. Desde então, a gelatina com brinquedos se tornou uma das vivências favoritas das crianças do maternal I (Informações disponibilizadas pelas professoras Ana Lúcia Carneiro Zelner e Liziane Caroline dos Santos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após experienciar a riqueza e o potencial dos registros das propostas e vivências do cotidiano e da prática pedagógica, o grupo de professoras compreendeu a importância dos registros na Educação Infantil, que cada interação, cada descoberta



e cada desafio enfrentado pelas crianças representavam uma expressão única de seu processo de aprendizagem.

Os registros cuidadosos e a escuta atenta desses momentos não apenas documentaram o desenvolvimento individual de cada criança, mas forneceram *insights* valiosos para orientar práticas pedagógicas mais sensíveis e inclusivas. Essas histórias registradas não foram apenas relatos de eventos, mas testemunhos vivos das múltiplas formas de conhecimento e expressão das crianças, valorizando suas habilidades, curiosidades e perspectivas.

Assim, o grupo tem afirmado que os registros na Educação Infantil não são meros registros e sim pontes para conectar-se profundamente com o mundo das crianças e honrar a diversidade de suas cem linguagens.

REFERÊNCIA

FOCHI, Paulo Sergio. **Abordagem da documentação pedagógica na investigação praxiológica de contextos de Educação Infantil**. 2017. 218 f. Projeto de qualificação de tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FOCHI, Paulo Sergio. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário? Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre: Penso Editora, 2015.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança**. São Paulo: Editora Pioneira, 1999.

RINALDI, Carla. **Reggio Emilia: a imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental**. In: GANDINI, Lella;

EDWARDS, Carolyn (Org.). **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 75-80.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN George. **As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Tradução de Deyse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999. p. 113-122.